

O banquete e a música popular brasileira

Eduardo de Oliveira Belleza

Universidade estadual de campinas (eduardoodeoliveirabelleza@yahoo.com.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-8778-7867>

Manuella Bocalon

Universidade estadual de campinas (m281498@dac.unicamp.br)

 <https://orcid.org/0009-0007-0042-2675>

Recibido: 06/05/2025 / Aceptado: 14/09/2025 / Publicado: 15/11/2025

Para citar este artículo:

Belleza, E. de O. & Bocalon, M. (2025) O banquete e a música popular brasileira. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 12(24), 211-222.

<https://doi.org/10.63314/EZGV3627>

Resumo

O texto relata uma experiência no ensino de filosofia da educação em uma disciplina introdutória de pedagogia. Em vez de seguir o currículo tradicional, focado em transmitir conhecimento pela obra de pensadores clássicos, o curso propôs uma abordagem decolonial. Inicialmente, os alunos demonstraram estranhamento com a ausência dos clássicos, o que levou a um acordo para incluí-los, mas de forma articulada com questões da educação atual. Inspirado na obra de Jacques Rancière, *O Mestre Ignorante* (2002), o professor adotou um papel de mediador, valorizando a igualdade intelectual e a construção coletiva do conhecimento. Um exemplo prático dessa abordagem foi o estudo do Banquete de Platão (1999), onde algumas alunas conectaram os discursos sobre Eros com a música popular brasileira, demonstrando uma nova forma de compreensão do texto clássico. A experiência ressalta a importância da alteridade, da escuta e da construção coletiva do conhecimento no processo educativo, desafiando as hierarquias tradicionais e buscando novas formas de ensinar e aprender filosofia. A narrativa destaca a necessidade de descolonizar o currículo e promover um aprendizado mais aberto, democrático e inclusivo, onde o professor atua como um "mestre ignorante", reconhecendo seus próprios limites e incentivando a autonomia intelectual dos alunos.

Palavras-chave: ensino de filosofia, decolonial, música popular brasileira, comum, inteligências

El banquete y la música popular brasileña

Resumen

El texto relata una experiencia en la enseñanza de filosofía de la educación en una disciplina introductoria de pedagogía. En lugar de seguir el currículo tradicional, centrado en transmitir conocimiento a través de las obras de pensadores clásicos, el curso propuso un enfoque decolonial. Inicialmente, los alumnos mostraron extrañeza ante la ausencia de los clásicos, lo que llevó a un acuerdo para incluirlos, pero de forma articulada con cuestiones de la educación actual. Inspirado en la obra de Jacques Rancière, *El Maestro Ignorante* (2002), el profesor adoptó el papel de mediador, valorando la igualdad intelectual y la construcción colectiva del conocimiento. Un ejemplo práctico de este enfoque fue el estudio del *Banquete* de Platón (1999), donde algunas alumnas conectaron los discursos sobre Eros con la música popular brasileña, demostrando una nueva forma de comprensión del texto clásico. La experiencia resalta la importancia de la alteridad, la escucha y la construcción colectiva del conocimiento en el proceso educativo, desafiando las jerarquías tradicionales y buscando nuevas formas de enseñar y aprender filosofía. La narrativa destaca la necesidad de descolonizar el currículo y promover un aprendizaje más abierto, democrático e inclusivo, donde el profesor actúa como un "maestro ignorante", reconociendo sus propios límites e incentivando la autonomía intelectual de los alumnos.

Palabras clave: enseñanza de filosofía, decolonial, música popular brasileña, común, inteligencias

The banquet and Brazilian popular music

Abstract

The text recounts an experience in teaching philosophy of education in an introductory pedagogy course. Instead of following the traditional curriculum, focused on transmitting knowledge through the works of classical thinkers, the course proposed a decolonial approach. Initially, the students showed strangeness at the absence of the classics, which led to an agreement to include them, but in a way articulated with questions of current education. Inspired by Jacques Rancière's "The Ignorant Schoolmaster" (2002), the professor adopted the role of mediator, valuing intellectual equality and the collective construction of knowledge. A practical example of this approach was the study of Plato's "Symposium" (1999), where some students connected the discourses on Eros with Brazilian popular music, demonstrating a new form of understanding the classical text. The experience highlights the importance of otherness, listening, and the collective construction of knowledge in the educational process, challenging traditional hierarchies and seeking new ways of teaching and learning philosophy. The narrative emphasizes the need to decolonize the curriculum and promote a more open, democratic, and inclusive learning, where the professor acts as an "ignorant schoolmaster," recognizing their own limits and encouraging the intellectual autonomy of the students.

Keywords: philosophy teaching, decolonial, brazilian popular music, common, intelligences

Introdução

Jacques Rancière, em sua obra seminal *O Mestre Ignorante* (2002), propõe uma radical revisão da pedagogia tradicional e da relação entre mestre e aluno. Ao invés de um modelo hierárquico, no qual o mestre detém um saber absoluto a ser transmitido passivamente,

Rancière defende a ideia de que todos os indivíduos possuem a capacidade de aprender e que o papel do mestre é, antes de tudo, estimular essa capacidade latente. Partindo dessa teoria, gostaríamos de explicar alguns acontecimentos, no âmbito de uma disciplina de Filosofia da Educação – umas das disciplinas introdutórias do curso de pedagogia da Unicamp –, ao qual nos permitiram refletir sobre os (des)limites na construção de saberes coletivos.

No primeiro semestre de 2024, o encontro entre o professor e uma turma de cerca de cinquenta estudantes – na maioria ingressantes – se deu pela oportunidade do ensino de filosofia na aproximação com problemas/questões da grande área da educação. O docente/pesquisador chegava na Universidade para iniciar um pós-doutorado que tem, entre suas atribuições, a exigência de se assumir disciplinas da graduação. Trata-se de uma aposta na pesquisa e na docência por associação, um misto potente de possibilidades de partilha daquilo que se estuda com o público da graduação.

Em vez de seguir o caminho tradicional, explorando os pensadores clássicos, optamos por uma abordagem inovadora, conectando os alunos com a produção intelectual decolonial. Assim, as teorias mais consagradas seriam utilizadas como ponto de partida, mas não como o centro das nossas discussões. Nos concentrarmos nas experiências concretas e nas vozes marginalizadas, questionando as estruturas de poder que moldaram o conhecimento e a realidade. Logo, a estrutura básica do curso pressupunha três movimentos: 1) a crítica à universalidade da razão; 2) o foco na experiência marginalizada; 3) a descolonização do conhecimento. A aproximação com autores como Eduardo Viveiros de Castro (1996), Sylvia Winter (2003) e Edward Said (1979) era oportuna para uma crítica ao modelo grego ocidental, ao mesmo tempo que nos liberava de ter que ancorar em estudos mais consagrados em torno de textos de Sócrates, Platão e Aristóteles.

Partíamos dos caminhos já abertos por Silvio Gallo (2003), entendendo que a filosofia não deve ser vista como uma mera disciplina a ser ensinada, mas como uma atividade criativa e transformadora, capaz de gerar novos conceitos e questionar as verdades estabelecidas. Sendo assim, entendemos a filosofia da educação a partir da instauração de problemas atuais, capazes de enfrentar modelos estabelecidos.

Passados os dois primeiros encontros, onde apresentamos o curso e iniciamos os estudos, um clima de estranheza se instalou no ar. Parecia haver algum incômodo por parte dos estudantes, algo latejava em suas mentes inquietas até então não manifestadas de modo explícito. Eis que uma estudante levanta a mão e questiona: “Professor, nós não vamos estudar os clássicos, não?”. O questionamento parecia ressoar a angústia da maioria. Havia um desconforto legítimo diante da proposta do curso. Algo da dureza da tradição se tornava ainda mais nítido, ganhava força, manifestando-se, por conseguinte, na fala de outro estudante: “Como a gente vai poder pensar diferente, se não passamos ainda pelo tradicional?”. A questão nos fazia ter de pensar e buscar algum acordo que nos tornasse aliados, e não opositores.

Seria possível aprender filosofia sem ter que passar pelos percursos já consagrados do estudo de autores clássicos? A questão não parecia ter muito jeito de ser resolvida, pois,

naquele momento, ficou subentendido que o desejo pela tradição era mais forte do que a abordagem decolonial. O jeito era embarcar na aventura e tentar propor desvios no meio do caminho. Acordamos que nos próximos encontros iríamos introduzir o pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles, a partir de um conjunto de textos clássicos.

Na semana seguinte, lá estávamos. Havia sobre a mesa a tradução de Carlos Alberto Nunes de *A república*. A aula iniciou com a retomada dos questionamentos dos estudantes pelo professor. Uma pausa importante no relato para trazer ao leitor uma informação: por não ser propriamente da filosofia, o professor não se sentia muito confortável em ensinar pensadores aos quais havia lido muito pouco, porém, o suficiente para estar ali, realizando uma pesquisa com cinema e educação, valendo-se de filósofos contemporâneos que dialogam com o pensamento clássico, mas que não é, de fato, o seu campo de estudos.

Empunhado da grande obra de Platão, o professor se pôs a questionar a turma: “É possível aprender sobre a filosofia platônica sem ter estudado demasiadamente Platão?”. Olhares de sobrancelhas cerradas foram disparados como flechas no ambiente. “Como assim?”, questionava uma estudante. “Pois é, tudo o que eu sei é muito básico, mas eu topo estudá-lo em conjunto, se vocês toparem essa aliança comigo, é claro.” Os olhares e o clima de estranhamento aumentavam e eles não pareciam compreender bem ao certo o que se passava. Parecia muito estranho um professor que se dispunha a aprender Platão com seus estudantes. “Mas o senhor é o professor e não a gente”, inflamou outra estudante. “Sou o professor, mas não o detentor de um saber sobre a obra de Platão, e, assim sendo, minha alternativa é estudarmos juntos esse e outros autores”. A situação parecia um beco. Foi quando alguns estudantes, mobilizados pela provocação, decidiram apoiar a ideia e engajar os demais numa tarefa de estudo da filosofia da educação por obras e autores pouco compreendidos por nós, mas fortemente estabelecidos na tradição. Ficamos acordados da seguinte maneira: a cada encontro iríamos ler juntos alguns textos clássicos, e faríamos apresentações alternadas entre estudantes e professor. Organizamos seminários com a responsabilidade de introduzir os textos, articulando-os com questões da educação na atualidade. Contemplamos, assim, tanto o desejo pela tradição quanto a necessidade de olhar para o atual.

A fala e o apoio desses estudantes foram cruciais para o desenvolvimento dos trabalhos, e, que vai de encontro a algo trazido por Rancière (2002) em sua obra, quando tratou da *igualdade intelectual*, “A igualdade jamais vem após, como resultado a ser atingido, Ela deve sempre ser colocada antes.” (2002, p.10/11) O autor parte do princípio de que todos os seres humanos são intelectualmente iguais. Essa igualdade não significa que todos saibam tudo de modo igual, mas que todos têm a capacidade de aprender.

No livro *O mestre ignorante* (2002), o jogo de conceitos é acionado a partir da história de um professor e seus alunos. Joseph Jacotot, personagem central, é apresentado como um educador revolucionário que desafiou os paradigmas tradicionais do ensino. Tudo se inicia quando Jacotot se vê diante de uma situação inusitada: precisa ensinar francês a dois jovens belgas que não conhecem o idioma. Sem materiais didáticos e com pouco tempo, ele decide adotar uma abordagem radicalmente diferente. Em vez de explicar a gramática e o

vocabulário, ele simplesmente entrega aos jovens uma fábula em francês e os incentiva a traduzi-la.

A partir dessa experiência, Jacotot desenvolve uma série de princípios que desafiam a pedagogia tradicional: para ele, todos os seres humanos possuem a capacidade de aprender, independentemente de suas origens ou conhecimentos prévios, a inteligência como universal. “É uma questão política: saber se o sistema de ensino tem por pressuposto una desigualdade a ser ‘reduzida’, ou uma igualdade a ser verificada.” (Rancière, 2002, p.11). O verdadeiro aprendizado ocorre quando o indivíduo se torna protagonista de sua própria educação. O professor, nesse contexto, é um mero facilitador. A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um meio de pensamento e de construção do conhecimento. A vontade de aprender é fundamental para o sucesso educacional. O título "O Mestre Ignorante" pode parecer paradoxal, mas revela a crença de que o verdadeiro mestre é aquele que reconhece seus próprios limites e que incentiva seus alunos a ultrapassá-los. Ao se declarar "ignorante", Jacotot não está minimizando sua própria capacidade, mas sim enfatizando a importância da autonomia intelectual.

Desta forma, a partir do acordo entre professor e alunos – que todos aprenderiam em conjunto – dá-se início à uma troca de saberes, onde a primeira metade da aula era entregue aos alunos, suas leituras e suas reflexões e, na segunda metade, o professor fazia complementos e buscava direcionar aquele seminário ao campo da pedagogia mais intimamente, levantando questionamentos, conversas com a sala e estimulando o grupo de alunos a conectar esses conhecimentos produzidos pelos grandes clássicos da filosofia, para a pedagogia atual e seus problemas contemporâneos.

A cada encontro era proposto um novo texto, a partir de onde pulavam seus voluntários, àqueles que comprariam a ideia de desconstrução e abarcariam na leitura e pesquisa referente ao texto e seu filósofo. Dado o segundo encontro, surge o primeiro fio que tece nossa rede, a partir do texto/novelo do “Banquete” de Platão. Três alunas toparam o desafio – ler o texto e preparar uma apresentação, que abriria a aula –, dando início à leitura ou releitura do texto, trocando mensagens via um grupo de mensagens online, delimitando qual seriam as partes que cada uma viria a tecer, fervilhando algumas emoções, identificando padrões reais nos discursos sobre o Amor.

Passados alguns dias de trabalho, encontramos uma interessante conexão: puxar o fio da musicalidade, mais especificamente a música popular brasileira, entrelaçando-a ao clássico grego. Um conjunto de ligações (fios) não casual entre os diálogos e um conjunto de canções. Nesse texto, sete personagens celebram o amor (Eros) sob diferentes perspectivas.

Fios de musicalidade no pensamento filosófico

Platão apresenta em seus textos forte relação com a música e o que seria sua função espiritual. Para o grego na antiguidade, a música possui relação intrínseca com a filosofia, ambas alimentam a alma, porém este divide a música em intelectual e mundana, a mundana seria simplesmente para adular o corpo e alma, não podendo acrescentar nada substancial ao ser; já a música intelectual serviria para nutrir a alma:

Para Platão e todos os gregos, a literatura, a música e a arte têm grande influência no caráter, e seu objetivo é imprimir ritmo, harmonia e temperança à alma. Por isso, deve-se preservá-la como tarefa do Estado. (Fonterrada, 2008, p. 27)

Durante o diálogo *As Leis*, o autor considera a música como elemento indispensável à educação, sendo capaz de educar a alma, ou seja, serve à serenidade da alma. Porém, existiria uma música boa e uma ruim, a boa sendo aquela consagrada pela tradição e a ruim sendo as mudanças que passavam a ocorrer na época. Em *Fédon*, o personagem Sócrates compara o ato de compor música com o filosofar, desta forma, para Platão, filosofia e música caminham juntas. Além disso, durante *A República*, o filósofo chega a considerar a música

capaz de atingir mais profundamente a alma de um cidadão, podendo moldá-la para o bem ou para o mal. O uso correto da educação musical iria abrandar os irascíveis e afastar os maus vícios, assim como atrairia as boas virtudes, coragem, ordem à alma e até mesmo justiça. (Ribeiro, 2001, p. 6)

Segue o dia do seminário no Jardim dos Saberes Ancestrais¹, onde as três estudantes trazem à vida essa nova ideia. Com uma introdução partindo da leitura de Marilena Chauí (1994) sobre *O Banquete* e aquilo que a obra representa na visão da filosofia contemporânea, as jovens seguem o percurso apresentando: os discursos de cada uma das personagens platônicas e a analogia musical contemporânea. Essas correlações possibilitaram uma melhor compreensão de cada um dos “tipos” de amor/Eros no *Banquete*, possibilitando em alguns momentos participações divertidas do restante da classe, que tentaram adivinhar algumas das músicas na relação com os diálogos.

“O Banquete” (*Symposion*, em grego) é um diálogo filosófico de Platão que se passa na casa do poeta trágico Agatão. Os convidados, incluindo Sócrates, decidem fazer discursos em louvor a Eros, o deus do amor. A primeira fala é oferecida por Fedro. Para o fabulista, o Amor (Eros) é entre os deuses o mais antigo e é a razão dos maiores bens, sendo impossível construir algo belo e grandioso sem ele. Fedro acredita que o amor é capaz de incutir um senso de vergonha e honra nos amantes, levando-os a evitar ações vergonhosas e a buscar a virtude. Ele diz que um exército composto por amantes seria o melhor exército do mundo, pois eles teriam vergonha de agir de forma covarde na frente de seu amado.

A aproximação com esse personagem fez com que as estudantes considerassem que o amor é não se preocupar com o que o outro vai pensar. Ao se entregar, entrega-se também

¹ Espaço de aula externo ao prédio principal da Faculdade de Educação da Unicamp.

às vergonhas, à breguice, à transformação de si. Assim como canta Marília Mendonça em Serenata: “Se amar assim for brega/Me chama de Marília Mendonça ou de Falcão/Meu show agora é só voz e violão/Assim, debaixo da janela/Jantar à luz de velas/Agora é momozin ou momozão, eu sei que é brega” (Mendonça, 2019). A artista descreve o amor como uma força que a transforma, tirando-a de um estado de vida desregrado e levando-a a um estado de encantamento e romantismo. A letra da música idealiza o amor romântico, com a idealização do ser amado e com a vontade de demonstrar esse amor de forma romântica. Apesar das diferenças, tanto Fedro quanto Marília Mendonça retratam o amor como uma força poderosa e transformadora, capaz de inspirar ações e idealizações.

Já Pausânias diz que sem amor/Eros não há Afrodite. Complementa ainda que existem duas versões do amor dessa deusa, a Afrodite Pandêmia, popular, amor de homens vulgares, que amariam então mais o corpo que a alma, e Urânia, um amor celestial e imortal, amor ao caráter e à inteligência do amado. O amor vulgar e o amor nobre. Pausânias enfatiza que a moralidade do amor depende da intenção do amante e da natureza do amado. O amor nobre busca a virtude e o aprimoramento, enquanto o amor vulgar busca apenas o prazer.

O discípulo de Prodicus pode ter sua fala conectada a Amor e Sexo da cantora Rita Lee, onde também é feita uma distinção entre amor popular (sexo) e amor celestial (amor): “Amor é cristão/Sexo é pagão/Amor é latifúndio/Sexo é invasão/Amor é divino/Sexo é animal/Amor é bossa nova/Sexo é carnaval”. (Lee, Carvalho, Jabor, 2003). A música explora a tensão entre o amor romântico e o desejo sexual, reconhecendo que ambos são partes integrantes da experiência humana. O contexto filosófico de “O Banquete” contrasta com a abordagem pop e provocativa da música de Rita Lee. Enquanto Pausânias busca estabelecer uma hierarquia entre as formas de amor, valorizando o amor nobre acima do vulgar, Rita Lee celebra a diversidade e a igualdade entre o amor e o sexo.

Erixímaco afirma que o discurso de Pausânias foi certeiro ao mencionar a duplicidade do Amor, porém, este não habita apenas nas almas dos homens, mas em todas as partes. O médico diz que a medicina é uma ciência dos fenômenos do amor próprios ao corpo. Cita também a música como outra referência, pois, por exemplo, ao constituir uma harmonia e um ritmo, ali existem sinais de amor. “Assim, múltiplo e grande, ou melhor, universal, é o poder que, em geral, tem todo o Amor”. (Platão, 1999, p.10). Erixímaco apresenta uma visão do amor como uma força cósmica que permeia toda a natureza, buscando sempre o equilíbrio.

O elogio proferido pelo médico nos permite traçar um diálogo com a música *Dois Rios* da banda Skank: “O céu que toca o chão/E o céu que vai no alto/Dois lados deram as mãos/Como eu fiz também/Só pra poder conhecer/O que a voz da vida vem dizer/Que os braços sentem e os olhos veem/Que os lábios sejam dois rios inteiros/Sem direção” (Rosa, 2003). A letra da música utiliza a metáfora dos rios para representar a união de duas pessoas, buscando um equilíbrio e uma harmonia entre elas, em sua mistura. Tanto Erixímaco quanto Skank utilizam a natureza como pano de fundo para explorar a ideia do amor como uma força que busca o equilíbrio e a união. A diferença, porém, reside no fato de um utilizar a metáfora como expressão da conjunção entre indivíduos e, no outro caso,

há uma expansão do amor para além das relações humanas, aplicando-a a todos os aspectos da natureza e da vida.

Aristófanes discursa que o Amor seria o deus mais amigo do homem, de quem a felicidade humana depende. O dramaturgo relata o mito dos seres andróginos que teriam habitado a terra muito tempo atrás, seres esses que seriam ambos homens e mulheres, redondos, com quatro braços e quatro pernas e dois rostos opostos em uma única cabeça. O Amor seria a tentativa de fazer um só de dois e curar a natureza humana.

O discurso do dramaturgo pode ser relacionado à música *Alma Gêmea* de Fábio Jr. qual descreve um amor de metades que se completam, se encaixam e se entendem por olhares; “Quantas vezes no seu canto, em silêncio/Você busca o meu olhar/E me fala, sem palavras, que me ama/Tudo bem, tá tudo certo”; “Carne e unha, alma gêmea/Bate coração/As metades da laranja/Dois amantes, dois irmãos/Duas forças que se atraem/Sonho lindo de viver/Tô morrendo de vontade de você” (Sobrinho, 19994). A música de Fábio Jr. ecoa esse sentimento ao falar de um “sonho lindo de viver” e do desejo de encontrar a “alma gêmea”, alguém que preencha um vazio interior. Ambos os discursos enfatizam que o amor verdadeiro é aquele que nos faz sentir inteiros, que nos completa.

Para Agatão, o Amor é o mais jovem dos deuses, aquele que foge da velhice. Ele faz moradia nos costumes, nas almas dos deuses e dos homens, porém não em todas, apenas nas dos seres delicados, sendo ele também uma divindade delicada. O deus é visto como um poeta, assim como o próprio Agatão, e todos os que ele toca podem ser poetas também. O amor é justo, belo e por ele considerado o mais corajoso, pois nem Ares – deus da guerra e violência – vence a Eros. É o pai da paixão, do luxo, do requinte, do brilho. Agatão apresenta uma visão idealizada de Eros, como um deus jovem, virtuoso, que traz alegria em benefício aos seres humanos.

Na mesma perspectiva do poeta, pode-se perceber uma relação com a canção *Será que é amor?* de Arlindo Cruz (2003): “Acho que é paixão/Será que é amor/Parece muito mais/Meu anjo minha flor/Minha canção de paz” “A timidez tentou me calar/Mas dessa vez não posso guardar/Toda hora eu te admiro/Toda hora eu te respiro” (Cruz, Babi, Dom, 2003). A música explora o encantamento e o desejo que acompanham o amor, idealizando a pessoa amada. Ela retrata a busca pela felicidade e pela realização através do amor, expressando o desejo de que o sentimento seja correspondido. Tanto Agatão quanto Arlindo Cruz exploram a natureza do amor, mas com abordagens e focos diferentes. De um lado, uma visão idealizada e filosófica do amor, enquanto, do outro, expressão de dúvida e incerteza. Algo que permitiu às apresentadoras explorar as nuances dos discursos entre o filósofo e o artista.

Sócrates, o último a falar, não faz um elogio ao Amor, ao contrário, o filósofo procura investigar sua essência. Inicia seu discurso através da dialética com Agatão, onde concluem que o que deseja (o Amor) é aquilo de que é carente, que não possui. O amor como necessidade. Compartilha ainda o discurso sobre o Amor que ouvira de Diotima, uma sacerdotisa da cidade de Mantinéia. Na conversa compartilhada por Sócrates e Diotima, o Amor está entre o belo e o feio, não sendo nem um extremo, nem o outro, mas um

intermédio. O Amor seria tudo aquilo que habita no intermédio entre opositos. Trata-se ainda da versão tida atualmente do “amor platônico”. Sócrates sugere o amor como uma força que impulsiona a alma humana em direção à beleza, à bondade e à sabedoria, e, ao fazê-la, demonstra que o amor não é apenas um sentimento, mas uma força filosófica que leva ao conhecimento.

Assim como descreve o filósofo e a sacerdotisa, a música *Um Amor Puro* de Djavan nos tecifios para uma relação: “Aqui ou noutro lugar/Que pode ser feio ou bonito/Se nós estivermos juntos/Haverá um céu azul, oh.” (Viana, 1999). O artista expressa o anseio por um amor sublime, que se afasta do superficial (“inocente”, “sem mácula”, “um amor puro”). A canção evoca a força do amor para superar obstáculos e alcançar um estado de graça (“faz florir a alma”, “te faz levantar”). Embora implícito na letra, o amor busca a compreensão do outro (“amar é a força que nos move”, “te conhecer”). Ambas as obras, cada uma à sua maneira, expressam a busca humana por um amor que transcende o efêmero e eleva a alma. Enquanto Djavan o faz através da linguagem poética e da emoção, Sócrates o faz através da filosofia e da razão.

Alcibíades chega à casa de Agatão já completamente embriagado, gritando, e se surpreende ao perceber que Sócrates estava lá. Propõe que façam elogios reciprocamente, e se dispõe a dialogar com Sócrates. O jovem general era belo e cobiçado por muitos. Fascinado pelo filósofo, dá a entender que ambos tiveram um relacionamento afetivo. Porém, Sócrates não o corresponde mais, justamente por Alcibíades ser acusado de ser um homem muito possessivo, como afirmou: “não mais me é permitido dirigir nem o olhar, nem a palavra a nenhum belo jovem, serão este homem, enciumado e invejoso” (Platão, *Banquete*, p. 28). Alcibíades não oferece uma teoria sobre o amor, mas sim um testemunho pessoal do poder do amor socrático, que transcende a beleza física e busca a virtude e a sabedoria.

A passagem do aristocrata pode ser relacionada à *Desculpe o Auê* de Rita Lee, letra que se trata de um pedido de desculpas pelo ciúme, pela insegurança do emissor e uma promessa de melhora. “Desculpe o auê/Eu não queria magoar você/Foi ciúme, sim”; “Da próxima vez eu me mando/Que se dane meu jeito inseguro/Nosso amor vale tanto/Por você, vou roubar os anéis de Saturno” (Carvalho, Lee, 1983). A letra revela um turbilhão de sentimentos, incluindo ciúme, raiva e desejo de reconciliação. A música desafia as convenções sociais e as expectativas de comportamento, com um tom de “desculpe, mas não me arrependo”. O auê é esse momento de encontro com o dissenso e a intensidade da vida amorosa. É o “barraco” em expressão popular. Tanto Alcibíades quanto Rita Lee expressam essa intensidade e quebram expectativas, mas com propósitos e contextos diferentes.

Considerações finais

A experiência de ensinar filosofia a partir de uma perspectiva decolonial revelou-se um desafio complexo e instigante. Ao propor o desvio, como alternativa epistemológica, buscamos descolonizar o currículo e oferecer aos alunos ferramentas para questionarem as estruturas de poder que moldam o conhecimento. No entanto, a tentativa de universalizar a experiência de marginalização e a ausência de um aprofundamento crítico sobre as limitações da abordagem decolonial podem ter ofuscado algumas nuances importantes.

Como um mestre *ignorante*, o professor se viu diante do desafio de desestabilizar as hierarquias do conhecimento, sem, contudo, impor uma nova verdade. A relação entre o conhecimento acadêmico e as experiências de vida dos alunos exigiu uma constante reflexão sobre o papel do professor como facilitador e como crítico.

Um dos desdobramentos dessa abordagem pode ser percebido no estudo apresentado, como uma possibilidade para a instauração de diferenças² no ensino de filosofia da educação. A aproximação de um texto clássico com a musicalidade brasileira é como um novelo de fios emaranhados. Cada fio que se puxa para tecer é uma possibilidade de um tipo de nó, de ligação, de superfície, de possibilidade para outro percurso. Ao evocar a música popular brasileira – assim como os primeiros professores na Antiguidade – apostase na aprendizagem também no campo das sensibilidades. Talvez seja essa a grande força do trabalho, abrir caminhos sensíveis para pensarmos além daquilo que já foi pensado.

O resultado é carregado de apostas e provocações, mas também revelou a necessidade de aprofundar a discussão sobre a descolonização do conhecimento. A abordagem decolonial, embora valiosa, não é uma solução para todos os problemas da educação. É preciso continuar a pesquisar e experimentar novas formas de ensinar e aprender, que sejam mais abertas, democráticas e inclusivas. Isso não se faz junto e de modo inventivo. É arriscado, inseguro e se faz por aí. Forma um povo. Faz grupo. Arregimenta e se desfaz.

Alteridade mostrou-se mais uma vez ser um saber valioso. Algo a ser sempre cultivado na educação. No limite, é sobre ela o pensamento que se delineia. Há uma saúde na alteridade que nos resguarda a possibilidade de vida, e ela se mostrou presente na experiência aqui narrada. É sobre ser outro, diferente, embarcar à deriva e estar aberto às conjunções. Trata-se de cavar juntos uma toca na densa mata escura. De criar um abrigo momentâneo entre desconhecidos, para prestar atenção aos detalhes de uma vida que acontece na relação professor-aluno. E, assim como na história do professor Jacotot (Rancière, 2022), que, ao invés de impor um conteúdo pronto para representar o que já foi tantas vezes ensinado, criou as condições para que os alunos se tornassem estudantes e buscassem os encontros necessários à aprendizagem. Acreditamos ser no cuidado das relações que os saberes mais importantes emergem. Assim, concluímos que a sala de aula ainda é uma trincheira que vale a pena ser ocupada, como um lugar de trocas para a construção de conhecimentos que nos ajudam a descolonizar a nós mesmos e parte do mundo ao nosso redor. O que narramos pode ser tomado como uma ação momentânea, menor, uma centelha, mas numa dimensão

² Conceito explorado na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e que busca apontar a importância da diferença no/com o pensamento, ou seja, como multiplicidade, como combate à representação.

de um conjunto de novas/outras diferenças com a filosofia da educação. No encontro de um texto clássico e um conjunto de músicas, toda uma população de novas sensibilidades se ergueu.

Referencias

LIVROS E ARTIGOS

- CHAUÍ, Marilena. (2002). *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. Companhia das Letras.
- FONTERRADA, Marisa. (2008). *De tramas e fios: música, educação e cultura*. UNESP.
- GALLO, Silvio. (2003). *Deleuze e a educação*. Autêntica.
- PLATÃO. (2000). *A República*. EDUFPA.
- PLATÃO. (1999). *O Banquete*. Bertrand Brasil.
- PLATÃO. (2017). *Leis*. EDUFPA.
- PLATÃO. (1997). *Fedro*. Edições 70.
- RANCIÈRE, Jacques. (2002). *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Autêntica.
- RIBEIRO, Hugo. (2001). *O papel da música na educação segundo Platão*. UFBA.
- SAID, Edward. (1979). *Orientalism*. Vintage Books.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2.
- WYNTER, Sylvia. (2003). Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Overrepresentation – An Argument. *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 3, p. 257-337.

MÚSICAS

- CRUZ, Arlindo; BABI; DOM, Jr. Será que é amor? Intérprete: Arlindo Cruz. In: *Pagode pra valer* [CD]. São Paulo: BMG Brasil, 2003.
- LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de; JABOR, Arnaldo. Amor e sexo. Intérprete: Rita Lee. In: *Balacobaco* [CD]. São Paulo: EMI, 2003. Faixa 1.
- MENDONÇA, Marília. Serenata. Intérprete: Marília Mendonça. In: *Todos os Cantos* [CD]. São Paulo: Som Livre, 2019.
- SKANK. Dois Rios. In *Cosmotron* [CD]. Belo Horizonte: Estúdio Ferretti, 2003.
- SOBRINHO, Aroldo Alves. Alma Gêmea. Intérprete: Fábio Jr. In: *Fábio Jr* [CD]. São Paulo: Sony Music, 1994.
- VIANA, Djavan; CAETANO, Caetano. Um amor puro. In: *Malásia* [CD]. São Paulo: Sony Music, 1999.
-

Eduardo de Oliveira Belleza

Professor Doutor em educação pela Universidade estadual de Campinas. Orientador pedagógico da secretaria municipal de campinas. Membro da rede de cinema e Educação Latino americana desde 2012 (RedeKino).

Manuella Bocalon

Manuella Giaciani Bocalon de Lima - Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas, com previsão de conclusão para 2028. Interesse acadêmico na área de Filosofia da Educação, atualmente desenvolvendo Iniciação Científica PIBIC/CNPq na área.